

CONCLUSÕES.

O AMOR PARA ALÉM DA VIDA PRIVADA

Mario Morcellini^{1*}

Resumo: O documento destaca a contribuição final da edição especial. Na primeira parte, ele refaz o caminho do diálogo cultural que deu origem a esta operação intelectual: projeto financiado, as publicações e os especialmente atores sociais. A partir da reunião entre a Universidade de Roma - Sapienza e a Rede Social-One nasceu da ideia de explorar o tema do amor e a dádiva na vida social. Na parte final, o papel do amor é sugerido como um estímulo para uma nova cultura acadêmica que valoriza as comunidades, gratuidade e excedente.

Palavras-chave: Universidade. Comunidade acadêmica. Amor. Ensino. Diálogo cultural.

Abstract: The paper stands as the final contribution of the special issue. In the first part, it retraces the path of cultural dialogue that gave birth to this intellectual operation: financed project, publications and especially social actors. From the meeting between Sapienza University of Rome and Social-One network was born the idea of exploring the theme of love and gift in social life. In the final part of the paper love is suggested as a stimulus for a new academic culture that values communities, gratuity and surplus.

Keywords: University. Accademic community. Love. Teaching. Cultural dialogue.

¹ Pro-Reitor de Comunicação, Sapienza'Universidade de Roma. Professor Titular de Sociologia dos Processos Culturais e Comunicativos, Diretor do Departamento da Comunicação e da Investigação Social (CoRis), Sapienza Universidade de Roma. E-mail: mario.morcellini@uniroma1.it

* Autor convidado.

Os temas ligados ao amor e ao dom se adaptam, quase perfeitamente, a muitas das dimensões tocantes às várias esferas da vida humana. Escolher um ponto de vista é, portanto, decisivo quer para explicitar uma ligação de coerência com a dimensão institucional de um Departamento universitário quer para adotar uma perspectiva interpretativa que tenha como objetivo uma aspiração de cientificidade.

No entanto, é bom declarar que esta temática não pode ter apenas um estímulo sociológico, se reduzindo unicamente a um plano científico. A força do chamamento ao amor é muito mais profunda e responsável, obrigando a colocar em discussão um pouco das nossas cravejadas certezas. Daremos portanto vida a uma reflexão cultural que não exclui a ação, mas que, pelo contrário, a considera quase como uma consequência lógica dos discursos e dos conceitos.

O título do número monográfico desta revista não podia ser mais estimulante: “O amor e o dom no tempo da economia”. Obviamente que, por detrás deste título estão uma ou mais citações cinematográficas e enumeráveis referências literárias. É inevitável, de cada vez que se toca a palavra *amor* põe-se em movimento um universo de citações que solicitam fortemente a sensibilidade e a concentração. Se poderia certamente insinuar que para o título deste evento tenha sido paga uma caução à comunicação, mas é necessário explicar que a decisão de nos referirmos mais ao amor do que á agápe não exclui a importância deste segundo substantivo; mas colocá-lo no centro teria implicado o risco de reduzir a força das possíveis sugestões.

Obviamente, existe sempre tempo para as linguagens setoriais, mas o primeiro esforço deve ser aquele da explosão conceitual e semântica da palavra amor: é um termo daqueles que na história dos homens fecha menos as portas ao outro, restaura a comunicação e restitui um momento de confiança, inclusivamente nas discussões públicas. Para coordenar os significados importantes para o nosso simpósio, o expediente do qual nos valem foi o recurso ao “tempo da economia”, sublinhando a redução de uma tendência que domina a nossa sociedade, com a sua pretensão arditosa de contabilizar as dimensões menos comerciáveis da nossa existência: a vida e, portanto, o amor.

Antes de iniciar com o aprofundamento deste tema, muito interessante, é necessário rebater que o impulso cultural deste simpósio tem as suas origens no Movimento dos Focolares. O estímulo foi acolhido com extrema rapidez e com grande apreciação. *Dissemos que sim como se faz na vida*, pela simples razão de que acarinhámos este desafio, discutir este tema e devido também, ao carisma que reconhecemos ter o Movimento dos Focolares que o propôs. Então, começamos com algumas declarações de interesse que foram partilhadas no Conselho Departamental, quando discutimos este evento para fazer com que fosse um acontecimento de *Sapienza* [Sapiência]:

1) Antes de mais, é interessante o fato de que neste movimento a fé não é classificada segundo as prescrições que o pensamento dominante nos impõe, isto é, a fé não é entendida como um fenômeno privado. A privatização do sagrado, aquela do sentimento religioso, é uma das concessões mais ambíguas que temos pago devido ao “educadamente bem feito”. Inerente ao título desta iniciativa, temos também a exigência de libertar a religião de todas as referências pessoais.

O amor, no tempo da economia, nos fala de uma outra forma de amor, que não é aquela vivida como *santuário privado*, mas como elemento de abertura e ligação com uma comunidade, convite à vida pública, ao empenho e à coerência. A referência mais direta, portanto, é feita à etimologia de religião: re-ligar, quer dizer, juntar. Só assim o conceito de amor se torna ação. É um dos estímulos mais vivazes que nos chega do Movimento dos Focolares, para além de que cada um de nós possui as suas medidas de atenção e de envolvimento, sem desvalorizar a importância deste aspeto para quem estuda a sociedade e a comunicação.

2) O tema nasce e cresce numa investigação financiada pelo Projeto Cultural da Conferência Episcopal Italiana. A partir desta aliança institucional, a dimensão que mais apreciamos é a circunstância de que, o Movimento dos Focolares parece que não pague uma “cunha” à modernidade, e não é influenciado pelos seus mitos. Na realidade, a cultura leiga, da qual fazemos objetivamente parte como instituição universitária, também fez, muitas vezes, acordos pouco claros com a euforia da realização do projeto moderno, sem ter em conta as consequências da sua crise dramática. É por isso que este Movimento nos parece um exemplo de descontinuidade em relação às pretensões e às linguagens sugeridas pelo teatrinho da comunicação. Numa palavra, é o sinal de uma reação à modernidade.

É com base nestas premissas que debato as palavras-chave que desempenharão um papel de protagonistas nestas reflexões.

O *Amor* é de forma inevitável, a primeira. Não é necessário dizer que esta palavra provoca e define um impressionante mapa de respostas e sintonias. Poucas coisas, como a palavra *amor*, e obviamente tudo aquilo que ela implica, movem o nosso pensamento e o nosso coração. A subjetividade e a história de cada um de nós tem como que um sobressalto quando a pronúncia ou quando a pensa, a tal ponto que, até hoje, no debate público permaneceu como um tabu. É verdade que uma secção da sociologia elaborou a temática do “trabalho dos afetos”, e depois finalmente se dedicou a estudar as emoções; mas na realidade predomina, no léxico público, a ideia de que o amor prepara uma área privada, ou até, que a santifica. Parece quase óbvio que o amor faça parte da vida

privada e que caminhem a par e passo, como se os mundos da paixão e do sentimento fossem elementos distintos mas pertencentes só à esfera privada. Uma história que os outros não devem conhecer.

Partindo desta impressionante pilha atômica de motivações que é o amor, é necessário ainda parar para refletir se não podemos *identificar no amor uma ponte decisiva de alimentação do confronto com os outros*, a partir da mesma consciencialização de que o amor torna os homens mais abertos e generosos. Não é que o amor tem os homens automaticamente fechados dentro de quatro paredes fortificadas de uma casa, e que por isso não possa conduzir a uma visão sabática da vida e dos sentimentos na direção da disponibilidade em relação aos outros. É difícil que a sociedade possa temer qualquer coisa de negativo de quem se põe à prova deste sentimento desconcertante. Muitas são as boas razões que militam a favor da ideia de que o amor seja um protótipo que deve ser estudado, como acontece para as ciências sociais e para a comunicação. Antes de mais, porque entende a relação com os outros mais sagrada e importante, e depois devido à sua capacidade de solicitar mudanças que dizem respeito ao estilo de vida, à orientação em relação à existência e ao futuro, à abertura à esperança trazidas pelo amor, cujos efeitos dificilmente se podem definir *ex ante*.

Então, é impossível que não nos interroguemos sobre se o amor possa ou não se tornar realmente num motor de ação, neste tempo, dominado pelo individualismo? De qualquer modo, quem é que nos faz aceitar o automatismo segundo o qual os egoísmos são os vencedores de forma definitiva? Ainda é muito cedo para decretar que os interesses colonizaram também o amor. Se pensarmos bem, não é o amor que prejudica a sociedade, mas o contrário, o desamor (recuperando a bonita citação de Pavese, que o interpreta como a ligação desfeita e, portanto, voltar-se para si mesmo renunciando ao amor). Numa palavra, não devemos escolher o utilitarismo como condenação irremovível.

A segunda palavra-chave é *Universidade*. O simples fato de que se fale de amor a partir de uma secretária universitária é esquisito, o que revela o tipo de temas abordados na Universidade. Esta, deve-se colocar numa posição generosa que favoreça a ampliação dos saberes dos outros, com coragem e longa visão levando à ativação de mecanismos virtuosos de mudança das linguagens, contagiando-as inclusivamente, não tendo medo de contrair o vírus. Como nos ensinou o antigo Terêncio *Homo sum, humani nihil a me alieno puto*.

No entanto, passada a porta da Universidade, este tema tem que reivindicar de forma enérgica a sua vastidão universal. Não se trata de um discurso “confessional”, nem do ponto de vista religioso nem do ponto de vista disciplinar e científico. A universidade é um lugar independente, que deve

acolher todos os credos. É por isso, que falar de amor não significa pagar um óbolo à comunicação, mas ajuda a não limitar esta temática a determinados espaços.

Por isso, a Sapienza e o Departamento CoRis fizeram bem em contribuir com uma ação de legitimação desta temática: o amor, de fato, representa um desafio para a contemporaneidade, mas também para a instituição universitária. Mesmo se pode parecer uma ideia elementar, é necessário, mais uma vez, dizer que, se vencesse o pensamento dominante sobre a recondução de todas as ações à utilidade, a Universidade arriscaria de definhando até chegar ao ponto de morrer. De fato, sob alguns pontos de vista, a universidade já se está definhando, e não podia existir melhor cura do que a recuperação da ideia protocolar do *maestro*, que tem a missão de alargar os saberes de forma generosa. O maestro é aquele que dá o melhor de si próprio para aumentar os saberes daquele que está diante de si. Obviamente que também existe o risco de ter à sua frente aborrecimento e indiferença, mas o maestro tem uma missão paradoxalmente independente em relação à restituição ou à recompensa. É um ato sublime de abertura que faz voltar à memória as imagens de *Magister* nas esculturas medievais unidas pela sintonia do olhar do aluno em relação ao maestro.

A este propósito, é inevitável chamar aqui o autor Erri De Luca (2002) e a sua antologia de contos que tem o título de *In alto a sinistra*², e que se refere ao gesto de virar a página. Neste livro, se conta ao leitor um episódio, que tem como ambiente a véspera do ano 1968, ano no qual, uma turma de uma determinada escola realiza um ato que hoje seria definido como “violência escolar”: tirar a proteção vertical da secretária da professora para poder ver as pernas da jovem suplente. Erri De Luca de forma poética apresenta este episódio, passando algum tempo com o professor de grego, La Magna, um homem capaz de desfazer o extremismo dos jovens e de os conduzir novamente para o diálogo, evidentemente que não seja passivo, com as instituições. No fim da narração, o docente consegue evitar que a turma depois da confusão feita, não tenha um castigo muito grande. Era a véspera do ano 1968 o que se traduziria na perda do ano escolar. Durante a narração, o poeta se detém a descrever os dons deste professor (que infelizmente no fim daquele ano escolar morre) da seguinte forma: “Gostava de ensinar: este verbo para ele se realizava acendendo nos alunos a vontade de conhecer que existia dentro de cada um deles e que, por vezes, está simplesmente à espera de um convite sapiente.” Esta frase é um exemplo para todos nós.

A última palavra evocativa com a qual é necessário fazer um aprofundamento é *troca*. Se, na realidade, ela se possa apresentar como uma variante perigosa da poupança do encontro, este conceito

² O título é ‘Em cima à esquerda’. N. do T.

é absolutamente mais influenciador, visto que é a metáfora da interação. É oportuno trabalhar mais com este conceito, para afirmar uma tipologia de dom que não seja muito rigidamente ligado à sua mística. O dom é importante se deixa uma força em quem o pratica, aumentando a sua capacidade de se sentir um ser vivo que participa na vida dos outros. Então, o dom também pode ser incluído numa definição mais ampla que pode ser de massa, no que diz respeito, à lógica dos interesses.

Neste sentido, é necessário aumentar de forma potente e contagiosa tal definição renovada pelo amor, entendido como dom e troca numa perspectiva de reciprocidade, que revoluciona o campo da comunicação entre os homens.

É um dos desafios intelectuais e culturais mais significativos que temos que estar prontos a aceitar. O fato de que nesta hora do dia, no meio dos movimentos de uma cidade agitada, se possa encontrar tempo para parar, pensar e falar do amor é já uma prova de que não erramos quando aceitamos participar a esta aposta.

Bibliografia

ARAÚJO V., CATALDI S., IORIO G., *L'amore al tempo della globalizzazione. Verso un nuovo concetto sociologico*, Roma, Città Nuova.

BOLTANSKI L. (1990), *L'Amour et la Justice comme compétences. Trois essais de sociologie de l'action*, Paris, Métailié.

DE LUCA E. (2002) , *In alto a sinistra*, Feltrinelli, Milano, 2002.

MORCELLINI M., FACCIOLI F., MAZZA B. (eds.) (2016), *Il progetto comunicazione alla sfida del mercato. Itinerari e prospettive dei laureati nel sud Europa*, Milano, FrancoAngeli, pp. 183-221.

MASIA A., MORCELLINI M. (eds.) (2009), *L'Università al futuro. Sistema, progetto, innovazione*, Giuffrè, Milano.